

Durante décadas, a herança foi entendida sobretudo como transmissão de património material: imóveis, poupanças, empresas, terras ou ativos financeiros. Contudo, a investigação contemporânea em gestão, psicologia económica e sociologia da família sugere uma perspetiva mais profunda: aquilo que verdadeiramente determina a capacidade de prosperar ao longo das gerações não é apenas o capital financeiro, mas o capital cultural e comportamental transmitido no ambiente familiar. Em termos simples, mais importante do que deixar dinheiro pode ser deixar uma mentalidade capaz de o criar, preservar e multiplicar. A cultura empreendedora surge, neste contexto, como uma das formas mais valiosas de legado intergeracional.

A noção de cultura empreendedora refere-se ao conjunto de valores, atitudes, crenças e competências que favorecem iniciativa, criatividade, autonomia, responsabilidade e predisposição para identificar oportunidades. Segundo a OCDE (2024), sociedades e famílias que promovem estas disposições tendem a apresentar maior adaptabilidade económica e melhor capacidade de resposta a contextos incertos. Num mundo marcado por transformação tecnológica acelerada, instabilidade geopolítica e novas exigências laborais, transmitir cultura empreendedora pode representar uma proteção mais robusta do que transmitir riqueza estática.

A família constitui o primeiro espaço de aprendizagem económica. Antes de qualquer disciplina escolar, as crianças observam como os adultos falam de trabalho, lidam com dinheiro, reagem ao risco, enfrentam dificuldades e resolvem problemas. Estudos recentes em socialização financeira mostram que hábitos familiares influenciam fortemente comportamentos futuros de poupança, investimento e autonomia económica (Gudmunson & Danes, 2024). Quando uma criança cresce num ambiente onde se valorizam esforço, iniciativa e capacidade de criar soluções, interioriza que o futuro pode ser construído e não apenas aguardado. Pelo contrário, ambientes marcados por medo excessivo, passividade ou dependência tendem a limitar a confiança empreendedora.

Importa sublinhar que cultura empreendedora não significa ensinar crianças a “abrir empresas” precocemente. Significa desenvolver competências transversais que mais tarde poderão servir múltiplos percursos profissionais. A European Commission (2025) continua a enquadrar o empreendedorismo como competência-chave para a cidadania e empregabilidade, incluindo criatividade, pensamento crítico, colaboração, literacia financeira, iniciativa e capacidade de transformar ideias em ação. Assim, um jovem pode beneficiar de

cultura empreendedora mesmo que nunca funde uma empresa, porque levará consigo ferramentas valiosas para qualquer organização ou profissão.

Em Portugal, esta reflexão assume relevância particular. O tecido económico português assenta fortemente em micro, pequenas e médias empresas, muitas delas familiares. Nestes contextos, a passagem geracional não depende apenas de quotas societárias ou heranças formais; depende da transmissão de conhecimento tácito, reputação, redes de confiança e ética de trabalho. Investigação recente sobre empresas familiares europeias demonstra que sucessões bem-sucedidas ocorrem com maior probabilidade quando existe preparação antecipada da geração seguinte e envolvimento progressivo no negócio (De Massis et al., 2024). Em muitos casos, o principal ativo não está no balanço financeiro, mas na cultura construída ao longo de décadas.

Contudo, Portugal enfrenta também desafios claros. Muitos jovens descendentes de famílias empresárias preferem carreiras externas ao negócio familiar, frequentemente por associarem estes negócios a modelos tradicionais, excesso de carga horária ou conflito entre vida pessoal e profissional. Outros não se sentem preparados para liderar porque nunca foram integrados em processos de decisão. Aqui, a cultura empreendedora precisa de ser atualizada: não basta transmitir sacrifício; é necessário transmitir visão estratégica, inovação e capacidade de modernização. A sucessão do século XXI exige que o legado seja reinterpretado e não apenas repetido.

A escola tem igualmente um papel decisivo. Se a família é o primeiro laboratório económico, a educação formal pode ampliar ou corrigir desigualdades de origem. Crianças sem contacto familiar com empreendedorismo podem desenvolver esta competência através de experiências escolares bem desenhadas. Relatórios europeus recentes indicam que programas educativos com metodologias ativas, projetos reais, resolução de problemas, miniempresas e trabalho colaborativo, aumentam autoeficácia, iniciativa e capacidade de planeamento (Eurydice, 2024). Quando a escola ignora estas dimensões, tende a reproduzir passividade; quando as integra, democratiza oportunidades.

Também a literacia financeira se cruza com esta herança invisível. Ensinar orçamento, poupança, juros, risco e investimento desde cedo permite que futuras decisões económicas sejam mais racionais e menos baseadas em medo. Segundo a World Bank (2025), populações com maior literacia financeira demonstram maior resiliência perante choques

económicos e melhor capacidade de mobilidade social. Assim, deixar aos filhos competências para gerir recursos pode ser mais valioso do que entregar recursos sem preparação para os administrar.

Existe ainda uma dimensão psicológica relevante. Famílias empreendedoras tendem a transmitir narrativas de possibilidade: “podemos tentar”, “há solução”, “vamos adaptar-nos”. Estas mensagens constroem um locus de controlo interno e confiança para agir. A psicologia organizacional mostra que a perceção de autoeficácia está fortemente associada à intenção empreendedora e à persistência perante obstáculos (Newman et al., 2024). Em contraste, famílias onde domina o medo do erro podem involuntariamente herdar insegurança às gerações seguintes. A maior herança, portanto, pode ser coragem aprendida.

Num tempo em que muitos pais desejam garantir segurança futura aos filhos, talvez valha a pena repensar prioridades. Um património material sem competências pode dissipar-se rapidamente. Já uma cultura empreendedora sólida pode reconstruir riqueza mesmo após perdas significativas. A história económica está repleta de famílias e comunidades que perderam ativos, mas prosperaram novamente porque preservaram disciplina, redes sociais, capacidade de trabalho e visão estratégica. O capital financeiro é importante; o capital humano e cultural frequentemente decide.

Para o futuro português, esta questão é estratégica. Num país envelhecido, com desafios de produtividade e necessidade de reter talento jovem, promover cultura empreendedora nas famílias e escolas pode gerar benefícios macroeconómicos relevantes: mais inovação, maior densidade empresarial, sucessões familiares bem preparadas, melhor adaptação tecnológica e cidadania económica mais robusta. Isto não significa glorificar risco irresponsável nem desvalorizar proteção social. Significa reconhecer que prosperidade sustentável nasce quando pessoas acreditam que podem criar valor.

Em síntese, a maior herança não é dinheiro porque o dinheiro, isoladamente, pode terminar. A cultura empreendedora, pelo contrário, multiplica-se quando é partilhada. Ela manifesta-se no exemplo diário, na forma como se enfrentam dificuldades, na liberdade para testar ideias, no respeito pelo trabalho e na confiança de que sempre existe possibilidade de melhorar o que existe. Deixar bens pode proteger uma geração; deixar mentalidade criadora pode fortalecer várias. Talvez o verdadeiro legado familiar não seja aquilo que se entrega nas mãos, mas aquilo que se instala na mente.

Referências Bibliográficas

De Massis, A., Rondi, E., & Eddleston, K. A. (2024). Family business succession and transgenerational entrepreneurship: New evidence and future directions. *Journal of Family Business Strategy*, 15(1), 100612.

European Commission. (2025). *Entrepreneurship competence frameworks and education policy update 2025*. Brussels: European Union.

Eurydice. (2024). *Entrepreneurship education at school in Europe: Recent developments*. Luxembourg: Publications Office of the European Union.

Gudmunson, C. G., & Danes, S. M. (2024). Family financial socialization and long-term economic behaviour: Updated evidence. *Journal of Family and Economic Issues*, 45(2), 211–228.

Newman, A., Obschonka, M., & Schwarz, S. (2024). Entrepreneurial self-efficacy and venture intentions: A meta-analytic update. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 48(3), 655–684.

OECD. (2024). *SME and entrepreneurship outlook 2024*. Paris: OECD Publishing.

World Bank. (2025). *Financial literacy, resilience and inclusive growth report*. Washington, DC: World Bank.